

Empinadores de “Papagaios”*

José Lemos

TEXTO 1

Neste oito de setembro a nossa querida São Luís completou 402 anos desde a sua fundação. Nós, que tivemos o privilégio de ter os primeiros passos da vida nessa cidade, temos um enorme orgulho. Infelizmente eu não pude, como eu gostaria, ter contribuído mais para o progresso da cidade que escancarou as portas para mim e para a minha família quando cheguei aos oito meses de idade.

Na sua já longa trajetória, a nossa capital experimentou momentos de grandiosidade na sua rica história. Única capital fundada por franceses no Brasil, a cidade construiu uma arquitetura que é uma bela mistura de diferentes raças e culturas. A parte mais antiga da cidade é um verdadeiro santuário arquitetônico, ainda que não esteja merecendo o tratamento e a conservação que faz por merecer. Nós, os maranhenses, temos muito de nos orgulhar pelas belezas construídas pelo ser humano de diferentes raças e nações e que deixaram os registros nos belos prédios, logradouros públicos e privados da nossa São Luís.

Mas nossa cidade tem também uma exuberância natural que talvez seja única neste enorme continente chamado Brasil. Também com os nossos recursos naturais não temos sido cuidadosos. E aí não podemos responsabilizar apenas aqueles que nos governaram ou governam. Bom lembrar que, ao menos nos últimos anos, todos eles foram colocados nos postos pelo processo da escolha pelo voto universal. É certo que o processo eleitoral em lugares como o nosso não tem lá essas lisuras. O poder econômico, a manutenção de pessoas sob as rédeas da dominação mediante favores, ainda é muito forte. Isto distorce o processo das escolhas, mas não é fator único na definição e na exposição das nossas dificuldades que não são poucas. Não precisamos usar deste artifício para tratar mal a nossa cidade.

Uma viagem no passado, nem tão remota assim, da nossa cidade nos faz lembrar fatos e eventos que marcaram as nossas vidas. Nesse período, os habitantes de São Luís testemunharam movimentos culturais e esportivos memoráveis. Tivemos aqui estações de rádio AM e de ondas curtas com programações que não ficavam a dever àquelas produzidas nos centros ditos mais avançados. A Rádio Difusora era a que tinha a maior audiência. Foi lá que ouvíamos programas diários como Rádio Atrações MC (Murilo Campelo), a crônica de Bernardo Coelho de Almeida, lida no vozeirão de Fernando Souza “A Difusora Opina”. Locutores esportivos como Canarinho, Guioberto Alves. Mas tinha também a Rádio Ribamar, onde Jafé Mendes Nunes comandava a programação esportiva. Polivalente, além de “Boliviano”* ranzinza, assumido e declarado, treinava o excelente time de futebol de salão chamado Athenas. Time que era praticamente imbatível na quadra do Cassino Maranhense ou dos Maristas, principais palcos de então. Mas tinha também o “Drible”, time que rivalizava com o “Athenas” em qualidade dos seus atletas.

O Estádio Municipal Nhozinho Santos, que nunca foi e nem quer ser ‘arena’ foi palco de clássicos memoráveis envolvendo o meu Sampaio Correia, o Moto Club, Maranhão Atlético Clube (MAC), Vitória do Mar, Ferroviário. A seleção maranhense de futebol foi campeã do Norte. Havia o “Torneio Maranhão Piauí” que, aos moldes do Torneio Rio-São Paulo de então, envolvia times maranhenses e do Piauí, que contribuía para acirrar a rivalidade esportiva entre os dois estados. A grana de garotos como eu era sempre curta para assistir aos jogos e por isso ficávamos nas imediações do estádio esperando os portões abrirem entre cinco a dez minutos dos finais das partidas para os torcedores saírem. Naqueles momentos nós entrávamos e assistíamos os restinhos das

partidas. Chamávamos de “enxurrada”. Aquilo funcionava como se tivéssemos assistido ao jogo inteiro.

Os colégios maranhenses eram muito bons. Liceu e Escola Técnica reuniam o que havia de melhor. Os meus professores no Liceu tinham orgulho da sua condição e eram respeitados. Ser professor do Liceu era algo de grande relevância. Que o digam quem teve o privilégio, como eu tive, de ter professores como Rubem Almeida, Maria de Jesus Carvalho, Sued, Ivaldes, Argesislau... Tive o privilégio de conviver com colegas que já então mostravam grande talento. Caso do Erico Junqueira Aires que nos tirava do sério com os seus desenhos irreverentes, hoje um talentoso Engenheiro e um grande cartunista reconhecido nacionalmente. Tinha Bulcão e Herbert que já mostravam enormes talentos de poetas. Tantos outros que hoje são médicos, engenheiros, odontólogos. Mas além do Liceu e da Escola Técnica havia colégios bons como Maristas, Rosa Castro, Santa Tereza, Ateneu Teixeira Mendes, Escola Normal, que funcionava no Prédio do Liceu às tardes, onde apenas estudavam as meninas. Meninas que povoavam as nossas fantasias de adolescentes.

O cursinho do Zé Maria do Amaral era local obrigatório para aprimorar os conhecimentos de álgebra, trigonometria, física, biologia, química para quem queria fazer bonito nos vestibulares. A Escola de Agronomia da Amazônia de Belém fazia o seu vestibular naquela capital e em nossa São Luís, onde eu, e tantos outros maranhenses tivemos o privilégio de estudar.

Descer a Rua Grande ao final das manhãs depois das aulas era um dos nossos programas obrigatórios. Descíamos em turma sempre de olho nas garotas. Eu não tinha lá essas atrações físicas e, para completar, era um dos mais pobretões do meu grupo. Por isso tinha que fazer “ginástica” para que alguma garota desgarrada fizesse o favor de ao menos me notar. Difícil. Mas ia fazendo o que estava ao meu alcance para ao menos ser notado por alguma delas.

Os nossos logradouros, construídos pelos nossos antepassados, verdadeiras joias arquitetônicas, como as Praças do Carmo, da Alegria, dos Remédios, João Lisboa... O bairro do Portinho com os seus casarões e igrejas. Casarões como o Convento das Mercês, tudo construído numa fase áurea do nosso Maranhão. E o que falar das nossas lindas praias?! São Luís viu nascer e aplaudiu talentos nacionais como João do Vale, cuja obra mais conhecida “Carcará” foi sucesso nacional na voz de Maria Bethania. Alcione, que nós maranhenses já conhecíamos nos programas de rádio, foi mostrada para o Brasil pelos canais nacionais de televisão e hoje é uma das artistas maranhenses mais conhecidas nacionalmente.

Os céus de São Luís, sempre muito azuis nos meses de agosto, setembro, outubro, principalmente, quando há uma trégua da quadra chuvosa, eram enfeitados pelos “papagaios”. Nós esbanjávamos talento. Tinham os “de borboleta”, “de compasso”, “de bandinha”, “de olhos”, “de listras”. Todos com “rabos” de algodão. E tinham os algodões coloridos que agregavam no visual daquelas obras de arte no ar “guinando”. Com os “sacalões” praticamente colocávamos o “papagaio” onde queríamos. Linha com “cerol” feito de vidro meticulosamente socado em casa em pilões de ferro caseiros para, depois de devidamente coados em pano, ser passado na linha com grude feito de goma rala. No céu as “lanceadas”. No solo, descalços havia um monte de garoto (eu no meio deles, óbvio) com uma vara na mão e de cara pra cima, prontos para correr na direção onde iriam cair os papagaios “cortados” nas “lanceadas”.

Brincadeira inocente que mudou muito. Hoje é criminalizada. Não se empina mais papagaio em São Luís, mas umas “arraias” sem graça com “rabos” que não são mais de algodão. Talvez eu é quem esteja ultrapassado. Até por isso, porque as minhas fases de

criança e de adolescente aconteceram naquele outro ambiente e momento, eu talvez ache estranho. Que me perdoem os garotos de agora pela minha incompreensão. São Luis tem sim condições de voltar a ser uma cidade aprazível. Depende da nossa vontade.

Texto publicado em 8 de setembro de 2014.

*Para os não maranhenses: "Boliviano" é quem torce pelo Sampaio Correia, time de maior torcida no estado. Assim tratado porque as cores da blusa do time são: Verde, vermelha e amarela. As cores da Bandeira daquele belo País da América do Sul.

LIVRO COM MEUS TEXTOS: EMPINADOR DE "PAPAGAIOS"